

HISTÓRIA DA ARTE OCIDENTAL

UM AUTOR UMA OBRA

José Manuel Russo [2021]

23

O REALISMO

Jean-François Millet * *Les planteurs de pommes de terre*, 1862

BIBLIOGRAFIA

- BOLTON, Linda** – *THE HISTORY AND TECHNIQUES OF THE GREAT MASTERS – MANET*, Tiger Books International, London, 1989
- BOUDAILLE, Georges** – *GUSTAVE COURBET*, Nouvelles Éditions Françaises, Paris, 1981
- CIRLOT, Lourdes (ed.)** – *MUSEU D'ORSAY, PARIS*, Planeta de Agostini, Barcelona, 2005
- CIRLOT, Lourdes (ed.)** – *MUSEU PUSHKIN * GALERIA TRETIAKOV, MOSCOVO*, Planeta de Agostini, Barcelona, 2005
- CIRLOT, Lourdes (ed.)** – *MUSEUS REAIS DAS BELAS ARTES, BRUXELAS*, Planeta de Agostini, Barcelona, 2005
- FRANÇA, José-Augusto** – *A ARTE EM PORTUGAL NO SÉC. XIX*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1966
- GOMBRICH, E. H.** – *THE STORY OF ART*, Phaidon Press, Oxford, 1972
- HUYGHE, René (ed.)** – *ART AND MANKIND (VOL. 4)*, Hamlyn, London, 1965
- JANSEN, H. W.** – *HISTÓRIA DA ARTE*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972
- LUCIE-SMITH, Edward** – *SYMBOLIST ART*, Thames & Hudson, London, 1972
- MARTINS SOARES, Eduardo (Ed.)** – *OS GRANDES ARTISTAS – CONSTABLE, CLAUDE LORRAIN, COURBET, WHISTLER*, Difusão Cultural, Lisboa, 1990
- RICHARDSON, John** – *MANET*, Phaidon Press, Oxford, 1982

ÍNDICE

BONJOUR MONSIEUR COURBET , 1854 Gustave COURBET (1819 – 1877)	01
DES GLANEUSES , 1857 Jean-François MILLET (1814 – 1875)	02
LA BÉNÉDICTÉ , 1861 Charles de GROUX (1825 – 1870)	03
LE DÉJEUNER SUR L'HERBE , 1863 Édouard MANET (1832 – 1883)	04
LE WAGON DE TROISIÈME CLASSE , 1863-65 Honoré DAUMIER (1808 – 1879)	05
LES RABOTEURS DE PARQUET , 1875 Gustave CAILLEBOTTE (1848 – 1894)	06
SAISON D'OCTOBRE: RÉCOLTE DES POMMES DE TERRE , 1878 Jules BASTIEN-LEPAGE (1848 – 1884)	07
KRESTNYY KHOD V KURSKOY GUBERNII , 1880-83 Ilya REPINE (1844 – 1930)	08
DE AARDAPPELETTERS , 1885 Vincent van GOGH (1853 – 1890)	09
GUARDANDO O REBANHO , 1893 António da SILVA PORTO (1850 – 1893)	10



Lavrador - Leon Tolstói arando a terra, Repin



Capelas do Buçaco, Raphael Bordallo Pinheiro



Macieira partida, Sousa Pinto

O **Realismo** foi um movimento da cultura que surgiu em França em meados do séc. XIX, no âmbito da pintura, escultura, literatura e da ópera (denominado *Verismo*), como reacção ao Romantismo e à arte académica.

Foram os seus principais representantes na pintura: **Gustave Courbet**, **Honoré Daumier**, **Jean-François Millet** e **Jean-Baptiste Corot**.

A sua designação surgiu em 1855, quando Courbet apresentou a sua pintura na exposição dissidente *Le Réalisme*, par *Gustave Courbet*. 1863 marca também a rutura com o academismo quando Napoleão III autoriza o *Salon des Refusés*, onde Manet expõe «Le Déjeuner sur l'herbe».

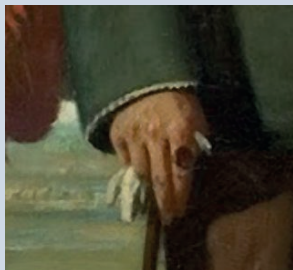
O movimento expandiu-se a outros países da cultura ocidental – na Rússia, um grupo de artistas, **Ilya Repin**, **Vasily Perov**, **Konstantin Savitsky**, **Vladimir Makovsky**, entre outros, formou em 1863 a corrente Realista dos **Peredvizhniki** (*Itinerantes*); em Espanha surgiu o *Costumbrismo*, representação dos costumes e tradições populares e nos Países Baixos a *Haagse School* (Escola de Haia) em 1860, com **Anton Mauve**, **Jozef Israëls**, **Jan Hendrik Weissenbruch**, influenciados pela Escola de Barbizon.

Origens

- Política – Revolução de 1848; deposição de Louis-Philippe I;
- Pensamento filosófico – Positivismo de Auguste Comte;
- Literatura – «Madame Bovary» de Flaubert;
- Sociedade – a 2ª Revolução Industrial e as más condições de vida e de trabalho;
- Artes – Fotografia;
- Manifesto Realista (1855), de Gustave Courbet e Jules Champfleury.

Características nas Artes Visuais

- **Realidade** – ausência de idealização ou dramatismo;
- **Crítica Social** – caricatura;
- **Temas** – trabalho rural, desigualdade social e pobreza; acontecimentos religiosos; natureza; retrato e auto-retrato;
- **Composição** – horizontalidade, ausência de dramatismo;
- **Paleta** – cores intensas, contraste;
- **Modelos** – camponeses, família de camponeses, pescadores, personalidades da sociedade.



Jean-Désiré Gustave Courbet

1819 – Nasce a 10 de Junho em Ornans;
 1837 – Ingressa no *Collège Royal de Besançon*, na classe de Charles-Antoine Flajoulot;
 1839 – Em Paris, frequenta o atelier de Charles de Steuben e de Nicolas Hesse;
 1846 – Viagem pela Holanda e Bélgica – pintura flamenga; – Vive com **Virginie Binet**;
 1849 – *Salon de Paris* – expõe com sucesso «L'Après-dînée à Ornans»;
 1855 – Exposição individual – publica o **Manifesto Realista** com Jules Champfleury;
 1861 – Membro do comité da *Société Nationale des Beaux-Arts*;
 1871 – Preso pela destruição da Coluna de Vendôme; 1873 – Exilou-se para a Suíça;
 1877 – Morre a 31 de Dezembro em La Tour-de-Peilz, Suíça.

«Bom dia senhor Courbet»

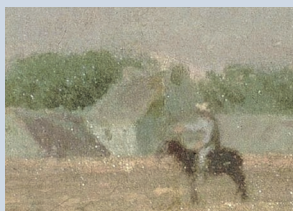
Presente na *Exposition universelle* de 1855, a pintura é uma comemoração da chegada de Courbet a Montpellier. Nele, representa-se o pintor num caminho entre Saint-Jean de Védas e Miraval sendo saudado por **Alfred Bruyas**, colecionador de arte, seu mecenas e amigo pessoal, que se faz acompanhar do seu criado **Calas** e do seu cão **Breton**, de raça épagneul.

As reacções dos críticos durante a exposição foram bastante agressivas, mais pelo conteúdo – «uma manifestação de um orgulho monstruoso», foi dito – do que pelos aspectos técnicos, já que Courbet se retrata em pé de igualdade com o seu protector.

Dois aspectos se poderão referir: por um lado, o pintor abandonara a visão romântica da realidade para passar a vê-la, representá-la, tal como ela é, por outro, teve uma visão muito crítica da sociedade, recusando trabalhos por não admitir ter de submeter dos seus ideais a um júri.

Neste âmbito, podem-se retirar alguns sinais desta obra – Courbet, à direita da composição, com a mochila de pintura às costas, faz o percurso a pé, em procura de um lugar para pintar; o trio de Bruyas; à esquerda, viajaram na carruagem que se vê ao fundo, o mecenas bem vestido, sem a luva da mão direita, cumprimenta cordialmente Courbet, ambos de cabeça erguida, enquanto o criado se apresenta numa roupa desgastada e de cabeça baixa.

Esta pintura marca a “descoberta” da luz por parte Courbet – a sua paleta torna-se mais clara e mais viva, o céu luminoso de um azul límpido, o vestuário mais nítido, o jogo de sombras num violeta azulado e nem a paisagem distante perde a sua tonalidade.



Jean-François Millet

- 1814 – Nasce a 4 de Outubro em Gruchy, Gréville-Hague;
- 1833 – Estuda em Cherbourg com Bon du Mouchel e em 1835 com Th. Langlois de Chèvreville;
- 1837 – Entra na *École des Beaux-Arts*;
- 1845 – Muda-se para Le Havre com **Catherine Lemaire** (casam-se em 1853) – pintura de Retrato;
- 1847 – Expõe com sucesso no *Salon de Paris* «*Odisseu descendu de l'arbre*»;
- 1849 – Muda-se para Barbizon – pintura do trabalho rural;
- 1867 – Exposição da sua obra na *Exposition Universelle*;
- 1870 – Nomeado membro do júri do *Salon de Paris*; refugia-se da guerra Franco-Prussa em Gréville;
- 1875 – Morre a 20 de Janeiro em Barbizon, sendo sepultado no *Cimetière de Chailly-en-Bière*.

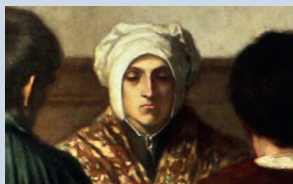
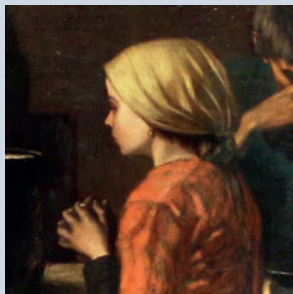
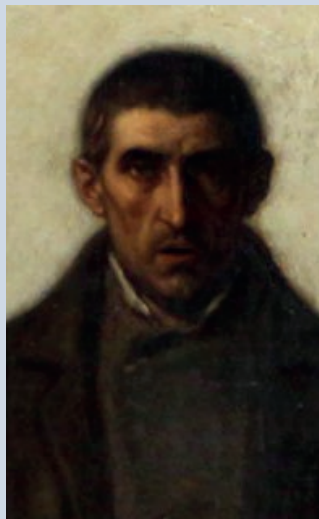
«As Respigadoras»

Presente no *Salon de Paris* em 1857, representa três respigadoras, mulheres que recolhem as espigas de trigo que não foram apanhadas durante a colheita; ao fundo, num cenário de montes de palha e casario, trabalhadores colhem, carregam e empilham o trigo num carro, enquanto à direita são vigiados pelo proprietário montado a cavalo.

O tema da obra foi mal acolhido pela alta sociedade, pois as respigadoras em primeiro plano, exemplo de uma população rural empobrecida pelo Segundo Império, eram vistas como ameaça de uma nova revolução popular. Mesmo as dimensões da tela causaram surpresa por não serem comuns num tema desta natureza.

As reacções à obra certamente foram exageradas – quando se mudou para Barbizon, Millet interessou-se pela pintura da vida rural, dos seus costumes e do seu trabalho, mas, ao contrário de Courbet, não se interessava pelos aspectos políticos da sociedade.

O que vemos neste quadro é um assunto bastante duro – três mulheres em busca da sobrevivência em contraste com a abundância que acontece ao longe, numa inversão de escalas, em que a pobreza é representada em grande e a riqueza em pequeno (note-se que até há bem pouco tempo esta actividade carecia de autorização do proprietário). No entanto, estas mulheres curvadas, num trabalho penoso e em que certamente suam sob o sol abrasador, exibem uma calma impressionante. É uma pintura de uma simplicidade extrema, de cores “silenciosas”, suaves, as respigadoras envolvem-se na paisagem, apenas os seus chapéus se destacam pelos tons primários.



Charles Corneille Auguste de Groux

- 1825 — Nasce a 25 de Agosto em Comines, em França;
- 1833 — Mudou-se com a família para Bruxelas;
- 1843 — Estuda com François-Joseph Navez na *Académie Royale des Beaux-Arts*;
- 1849 — Casa-se com **Jeanne Geysens**;
- 1851 — Vive um ano em Düsseldorf, na Alemanha;
- 1853 — Alcança sucesso com «L'ivrogne» ou «L'Adieu»;
— Ilustrador do periódico satírico *Uylenspiegel*, fundado por Rops; Conhece Courbet;
- 1856 — Membro da *Société belge des aquarellistes*;
- 1868 — Fundador da *Société Libre des Beaux-Arts*;
- 1870 — Desenha os vitrais para a *Cathédrale des Saints Michel et Gudule*, que seriam executados por Jean-Baptiste Capronnier;
- 1870 — Morre a 30 de Março em Sint-Joost-ten-Node, Bélgica, sendo sepultado no cemitério local.

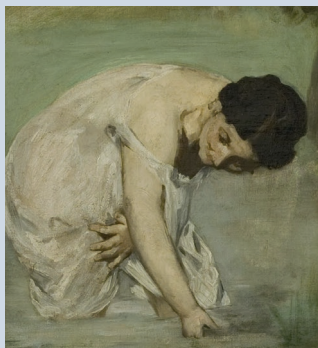
«A Bênção»

A pintura é uma representação solene de uma família de camponeses dando graças antes da ceia — o pai preside ao acto de fé diante de uma panela colocada sobre o centro da mesa; a mulher à sua direita de olhos fechados e à volta da mesa a sua prole em oração e um cão, aguardando impacientemente em primeiro plano.

Sendo de Groux profundamente religioso, em contraste com Courbet, que teve grande influência no seu estilo, é notório que esta pintura está intimamente ligada às representações cristãs da Última Ceia.

Numa composição marcada pela horizontalidade da tela e pela simetria, o homem, exibindo o rosto rude de quem trabalha arduamente no campo, mas em atitude decidida, contrasta com os restantes membros, de olhos baixos e mãos em posição de oração, cujos rostos de perfil mostram, no entanto, extrema serenidade.

O intimismo desta cena, envolto de uma aura de misticismo, é acentuado pelo intenso claro-escuro, certamente influência da pintura flamenga, e os tons sombrios de uma paleta dominada por cores neutras, apenas quebrada pontualmente pelo casaco vermelho da jovem.



Édouard Manet

1832 – Nasce a 23 de Janeiro em Paris; 1850 – Estuda com Thomas Couture e na *Académie Suisse*;
1853 – Viagem pela Alemanha, Itália e Países Baixos;
1856 – Monta um estúdio de pintura – adere ao Realismo;
1863 – Expõe no *Salon des Refusés* «Le Déjeuner sur l'herbe»; Casa-se com **Suzanne Leenhoff**;
1868 – Conhece Berthe Morisot – pintura ao ar livre;
1869 – Reúne um grupo de pintores impressionistas, conhecido por *Le groupe des Batignolles*;
1874 – Passa o verão em Argenteuil com Monet e Renoir;
1879 – Sofre uma paralisia parcial – tratamentos em Meudon;
1883 – Morre a 30 de Abril em Paris, dez dias após ter de amputar a perna esquerda, sendo sepultado no *Cimetière de Passy*.

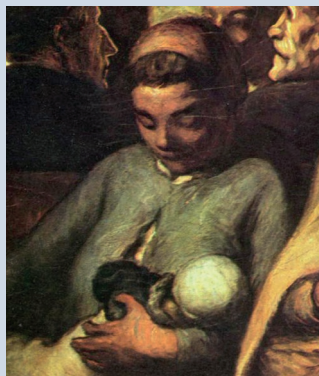
«Almoço na relva»

Representa um grupo de amigos e modelos do pintor num parque, fazendo um pic-nic. Em primeiro plano, a mulher nua, o modelo **Victorine Meurent**, e o escultor holandês **Ferdinand Leenhoff**, futuro cunhado de Manet, à direita, **Eugène Manet**, meio irmão de Manet; ao fundo, o modelo **Alexandrine-Gabrielle Meley**, futura esposa de Zola.

A obra foi exibida em 1863 no *Salon des Refusés* sob o nome «Le bain». O Salão dos Recusados foi um evento instituído por Napoleão III, em resposta ao protesto de inúmeros artistas que não conseguiam ver as suas obras aprovadas pelo júri do Salão da Academia. A exposição teve lugar no *Palais de l'Industrie*, construído para Exposição Universal de 1855.

Émile Zola escreve um artigo em descreve o choque que a obra causou no público – a nudez da mulher entre dois homens vestidos, a sua pálida tez, com ausência de modelação e intenso contraste com o restante cenário, bem como a desproporção da figura ao fundo. No entanto, em sua opinião, a atenção devia ser focada na paisagem em geral, com subtilezas tonais, o fundo luminoso e delicado, e a «carne» firme em ampla área de luz.

A composição do grupo principal foi certamente inspirada num detalhe do *Julgamento de Páris*, uma gravura que Rafael encomendou a Marcantonio Raimondi. A natureza morta à esquerda, composta pelo vestido e outras peças de roupa da mulher, um cesto com frutas de diferentes épocas, cerejas e figos, e o frasco de prata, terá ainda simbologia de luxúria e libertinagem.



Honoré-Victorien Daumier

- 1808 – Nasce a 26 de Fevereiro em Marselha; 1816 – A família muda-se para Paris;
- 1823 – Estuda na *Académie Suisse*; – Primeiras litografias para o editor Belliard;
- 1828 – Desenha para o semanário de Charles Philipon *La Silhouette*;
- 1830 – Caricatura política para a revista satírica *La Caricature*; – Elabora bustos em cerâmica;
- 1832 – É preso na sequência da publicação da caricatura «Gargantua»;
- 1835 – Publicada a Lei da imprensa de 9 de Setembro ou «Loi scélérate de 1835» – censura;
- 1846 – Casa-se com **Alexandrine Dassy**;
- 1849 – Participa no *Salon de Paris* com «Le Meunier, son fils et l'Âne»;
– Série de pinturas «Don Quichotte» e «Les saltimbanques»;
- 1851 – Muda-se para Valmondois; 1878 – «Les Châtiments» última litografia antes de perder a vista;
- 1879 – Morre a 10 de Fevereiro em Valmondois, sendo sepultado no *Cimetière du Père-Lachaise*.

«A carruagem de terceira classe»

Esta obra é a versão final de uma outra realizada em 1862-64, existente no *Metropolitan Museum of Art*, ainda com a retícula de transposição visível. Nela se representa o interior de uma carruagem ferroviária em que, no banco de madeira de frente para o espectador estão sentados uma mulher amamentando seu bebê, uma mulher idosa com as mãos cruzadas em cima de uma cesta e um rapazito dormitando; atrás, vários homens e mulheres amontoam-se sentados frente a frente.

Daumier realizou a série de litografias «Les Chemins de Fer», publicadas na revista *Le Charivari* entre 1843 e 1858. Realizou ainda outra versão, a óleo sobre madeira, em 1856-58, com personagens comuns mas numa composição relativamente diferente.

Com isto, o artista denunciava a miséria em que vivia grande parte da sociedade francesa da época, através das más condições da viagem em terceira classe, esclarecidos pelos títulos – «Impressions et Compressions de voyage» ou «Voyageurs appréciant de moins en moins les wagons de troisième classe, pendant l'hiver» – ou comparando com as condições das outras duas classes. Os personagens exibem uma expressão quase caricatural, acusadora da miséria e do sofrimento em que vivem. De olhos fixos no vazio, veja-se a senhora idosa mais em destaque, Daumier acentua essa expressão através da luz que varre os seus rostos, bem como a horizontalidade da composição.



Gustave Caillebotte

- 1848 – Nasce a 19 de Agosto em Paris; 1869 – Obtém o diploma de bacharel em Direito;
- 1871 – Após a guerra Franco-Prússia, entra no atelier de Léon Bonnat; 1872 – Viagem a Nápoles;
- 1873 – Entra na *École des Beaux-Arts*; conhece Desboutin, Rouart e Monet;
- 1874 – Morte do pai – recebe a herança que lhe permite ser um mecenas dos Impressionistas;
- 1875 – Recusado no *Salon de Paris* com «Les Raboteurs de parquet» – Realismo;
- 1876 – Expõe várias obras no *2ème Salon des Impressionnistes*;
- 1877 – Verões na propriedade familiar em Yerres – afeiçoado por actividades náuticas;
- 1888 – Convidado a expor na *Vème Exposition d'Art*, em Bruxelas; Instala-se na sua propriedade *Petit Gennevilliers* – interesse pela horticultura, que partilha com Monet;
- 1894 – Morre de congestão cerebral a 21 de Fevereiro em Gennevilliers, sendo sepultado no *Cimetière du Père-Lachaise*.

«Os raspadores de soalho»

Recusado no *Salon de Paris*, em 1875, a obra esteve presente no *2ème Salon des Impressionnistes* de 1876. Caillebotte representa três homens a raspar o soalho de madeira da sala de sua casa na *rue de Miromesnil*; os dois primeiros apoiam seus corpos magros e seminus contra a plaina e o chão, fazendo-a mover na sua direcção; o terceiro inclina-se para a frente para pegar com a mão direita uma ferramenta do chão; à direita, uma garrafa de vinho e um copo repousam no chão.

Caillebotte, apesar de fazer parte de uma família rica, ele próprio adquiriu obras dos amigos impressionistas e foi representado em obras deles, não quiz deixar passar esquecida esta cena de árduo trabalho na preparação do seu atelier após a morte do seu pai.

Esta é uma das obras que merece ser vistas ao vivo, pelo realismo que muito se perde numa reprodução – a janela traseira irradia uma luz suave e difusa, o seu reflexo com intenso brilho nas ripas de soalho não raspadas, os corpos dos trabalhadores que evidenciam a sua fraca alimentação. Outro aspecto notável nesta obra prende-se com o seu ponto de vista – é provável que o artista tenha recorrido ao conhecimento fotográfico, pois um ponto de vista aéreo, com o ponto de fuga à direita e a linha do horizonte elevada, produz o “esmagamento” dos primeiros planos que à vista desarmada não se percepciona. E se quase sentimos o cheiro da madeira raspada ou do suor do intenso labor, o silêncio, patente na obra do pintor, paira sobre a conversa dos dois raspadores.



Jules Bastien

- 1848 – Nasce a 1 de Novembro em Damvillers; – Primeiras aprendizagens com o pai;
- 1867 – Em Paris, entra para a *École des Beaux-Arts*, estudando com Cabanel;
- 1870 – É ferido na guerra Franco-Prússia; Regressa a casa – pinta a vida rural;
- 1874 – Expõe no *Salon de Paris* «Mon Grand-père» – conhece o sucesso;
- 1875 – Expõe «L'Annonciation aux bergers» – fica em segundo lugar no *Prix de Rome* – apesar de apreciado, não chegará a ganhar o prémio nas exposições seguintes;
- 1877 – Além de temas rurais, dedica-se ao Retrato – «Portrait de Lady L.», «Portrait de M. Theuriot» (1878), «Portrait de Mlle Sarah Bernhardt» (1879), «Prince de Galles» (1880);
- 1880 – Viagem a Itália, que repete em 1883;
- 1883 – Problemas de saúde – tenta recuperar em Argel, na Argélia;
- 1884 – Morre de um tumor a 10 de Dezembro em Paris. Foi sepultado no cemitério de Damvillers, no mausoléu criado pelo arquiteto Émile Bastien-Lepage, seu irmão.

«Outubro: apanha das batatas»

Exposta ao público no *Salon de Paris*, em 1879, representa um campo de batatas, em Damvillers, prontas a serem colhidas – em primeiro plano, uma camponesa despeja as batatas colhidas de uma cesta de vime num saco, atrás de si, do lado direito, está outra mulher colhendo batatas para uma cesta; mais ao longe, outros camponeses executam a mesma tarefa. O céu, está coberto de nuvens, revelando um dia nublado de Outono.

Enquanto recupera das feridas de guerra na sua aldeia natal, Damvillers, situada no nordeste de França, na Lorena, Bastien-Lepage sente o fascínio pela vida rural, sendo exactamente aí que, uns anos mais tarde, captura esta cena com todo o realismo – o céu nublado, os campos castanhos da terra húmida, as plantas de batata ainda viçosas, as batatas espalhadas pelo chão, a sujidade do avental, o rosto bronzeado e de certa fealdade da segunda camponesa. No entanto, encontra-se nestas mulheres uma sinceridade, uma felicidade no seu trabalho, como uma dádiva divina.

Em 1883, o artista russo Vasily Surikov escreveu: «*Eu moro em Paris agora. Vim aqui para ver uma exposição de 3 anos de pinturas de arte francesa... Vou levar uma pintura de Bastien-Lepage "Mulher colhendo batatas". O rosto está desenhado e escrito como se estivesse vivo. Tudo está escrito no ar. Reflexos, cor, distância, tudo é tão integral, contínuo, isso é um milagre...*»



Ilya Yefimovich Repin

1844 — Nasce a 5 de Agosto em Chuguyev, Kharkov Governorate; 1856 — Estuda com Ivan Bunakov;
 1864 — Estuda na Imperial Academia de Artes — conhece Ivan Kramskoi;
 1870 — Viagem ao rio Volga — pintura de paisagem e de barqueiros do Volga;
 1872 — Casa-se com **Vera Shevtsova** (separam-se em 1882); Conhece o mecenas Pavel Tretyakov;
 1873 — Viagem a Itália e França; 1874 — Expõe no *Salon de Paris*;
 1876 — Expõe na *Sociedade Itinerantes «Sadko no Reino subaquático»* — Membro da Academia;
 1887 — Viagem a Itália, Áustria e Alemanha; 1891 — Retira-se da *Sociedade Itinerantes*;
 1900 — Conhece **Natalia Nordman** — instala-se em Kuokkala, Finlândia;
 1930 — Morre a 29 de Setembro em Kuokkala, sendo sepultado no *Parque da propriedade Penaty*.

«Procissão religiosa na província de Kursk»

Presente na 11ª exposição da Associação de Exposições de Arte «Itinerantes», em San Petersburg, em 1883, representa a procissão ortodoxa em que se transporta a cruz com a N.ª S.ª de Kursk do mosteiro de Korennaya Pustyn até à cidade de Kursk.

Numa paisagem empoeirada, a procissão é conduzida por padres ortodoxos com túnicas segurando ícones, festões e faixas sobre suas cabeças; atrás segue uma multidão de camponeses, mendigos, deficientes, polícias, militares e figuras da elite provincial.

Esta complexa composição foi antecedida de inúmeros esboços e estudos que revelam a importância dada ao Realismo da representação — Tretyakov, comprador da obra, pediu que alguns rostos fossem embelezados, mas Repin recusou determinantemente. Desta forma, conseguiu mostrar a enorme multidão como um todo e ao mesmo tempo destacar a individualidade dos personagens. A obra foi uma crítica aos abusos da Igreja e do Estado — com excepção dos elogios de Tolstói, todos a consideraram hostil à ordem social estabelecida. Repin representa a parte pobre da multidão à esquerda, onde um corcunda é impedido de se chegar à cruz, e a elite à direita, onde um cavaleiro fustiga algum infrator. A população que carrega a cruz e quem os segue formam uma diagonal para a direita, revelando o centro com o diácono e a proprietária com o ícone.

As tonalidades dominantes são o azul do céu e o amarelo-ouro da areia, com alternância de tons frios e quentes, a forte luz do sol, ligeiramente à esquerda, acentua os contornos das figuras e confere pureza aos tons de preto em diferentes partes da tela.





Vincent Willem van Gogh

1853 – Nasce a 30 de Março em Zundert; 1869 – Trabalha na galeria de arte *Goupil* até 1876;
 1877 – Estuda Teologia; 1878 – Estuda como pregador-leigo; conhece a realidade dos mineiros;
 1880 – Desenha intensivamente; estuda na *Académie Royale des Beaux-Arts* em Bruxelas;
 1881 – Tenta casar com a prima **Kees**, viúva, que o ignora; 1882 – Vive em Haia com **Sien**;
 1885 – Morre o pai – «Comedores de batatas», obra Realista;
 1886 – Em Paris, conhece Gauguin, com quem estabelece amizade;
 1888 – Vive em Arles; Participa *Salon des Artistes Indépendants* em Paris; corta a orelha esquerda;
 1889 – Internado no asilo psiquiátrico de Saint-Paul-de-Mausole; pinta, mas sofre diversas crises;
 1890 – Instala-se em Auvers-sur-Oise; morre a 29 de Julho.

«Os comedores de batatas»

Realizada em Nuenen, uma aldeia holandesa, representa uma refeição de batatas na casa de uma família de mineiros, os **De Grootte** – são cinco personagens à volta de uma mesa, dois homens de boné e duas mulheres com as coifas tradicionais, vistos de frente, e certamente uma criança ou uma jovem, vista de costas, ao centro do quadro.

Quando van Gogh se tornou um pregador leigo, ficou a conhecer as más condições em que vivia a classe trabalhadora, em particular, a dos mineiros. Viveu e partilhou o quotidiano com eles, chegando a alojar-se na casa da família **De Grootte**. Entre 1884 e 1885 realizou diversos estudos – o trabalho no campo, à mesa, retratos e naturezas mortas.

Admirador de Charles de Groux, tudo indica que terá encontrado inspiração na sua «La Bénédicité» (Bênção), contudo, à parte a simetria da composição, o ambiente é mais denso, onde a luz do candeeiro a petróleo mal consegue iluminar os seus rostos, e, nas palavras do pintor «*Os rostos rudes e planos, com testas baixas e lábios grossos, não pontiagudos, mas cheios e semelhantes aos das pinturas de Millet*».

Apesar da técnica de pintura que identificará toda a sua obra parecer despontar aqui, esta obra é ainda fruto do Realismo sob influência da *Haagse School* – Van Gogh pretendeu retratar os camponeses como eles realmente eram. Mas esta sinceridade valeu-lhe dissabores, com o irmão Theo, a quem enviou vários estudos, e que se mostrou desagradado com os resultados, como com o seu amigo Anthon van Rappard, que o criticou duramente.



M.N. Soares dos Reis, 2016 © j.m.russo



António Carvalho da Silva

- 1850 – Nasce a 11 de Novembro no Porto;
- 1865 – Estuda na *Academia Portuense de Belas Artes* com J. Correia e T. de Almeida Furtado;
- 1869 – Participa na *X Exposição Trienal da Academia Portuense de Belas Artes*;
- 1876 – Frequenta a *École des Beaux-Arts*, Paris, onde foi aluno de Daubigny e Cabanel;
- 1878 – Expõe no *Salon de Paris* «Paysage, site d'Auvergne»; Viagem a Itália;
- 1879 – Regressa a Portugal – nomeado Mestre de Paisagem da *Escola de Belas Artes de Lisboa*;
– Casa-se com **Adelaide Torres Pereira**;
- 1881 – Dinamiza o *Grupo do Leão*, artistas que se reúnem na Cervejaria Leão de Ouro;
- 1884 – Presente na *Exposição Industrial Portuguesa*, recebe a medalha de ouro;
- 1903 – Morre a 1 de Junho em Lisboa, sendo sepultado no *Cemitério do Alto de São João*.

«Guardando o rebanho»

Presente na *Exposição dos* em 1863, representa um pastor conduzindo um rebanho de carneiros por um caminho de terra, seguido por um burro montado por uma camponesa; o caminho é ladeado por uma vegetação baixa, uns cactos e duas árvores, algues nos arredores de Lisboa.

Quando Silva Porto estudou em Paris, além da formação académica por parte de Cabanel, foi marcante a aprendizagem com Daubigny, pintor ligado à escola de Barbizon e o Naturalismo. No entanto, nesses anos, já o *Impressionismo* fundara o seu próprio salão de exposições e tinha vários seguidores (incluindo os que foram realistas), pelo que o Realismo em Portugal pode-se considerar tardio, como a industrialização que ainda não teria o impacto que teve na Europa central.

A composição revela grande serenidade e equilíbrio na divisão em terços – os personagens principais, humanos e animais ao centro, os carneiros marcham pachorrontemente, uma ovelha distrai-se com um arbusto, o pastor parece pensativo, assim como a camponesa acomodada às cavalitas do burro, levantando uma suave nuvem de poeira atrás de si; o terço inferior, ocupado pelo caminho livre, alivia a pressão do rebanho prestes a ocupá-lo, enquanto no terço superior se representa um céu azul, uniforme, com algumas nuvens brancas e as oliveiras (?) à direita contrapondo os tons escuros do limite esquerdo do caminho.

Um pouco como em Espanha, com o *Costumbrismo*, Silva Porto procura mais representar uma tradição, um costume, do que exibir uma difícil condição social.